

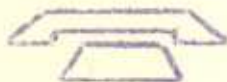
D2 (41)

2071... possivelmente

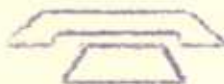
Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IMPRÓPRIO
ATE 18 ANOS
Simão Goldman

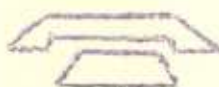




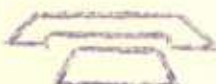
Verde - Srta. Bell



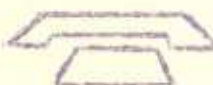
Marron - Sra. Caty



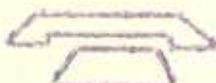
Vermelho - Internacional



Amarelo - Mr. Headstone



Branco - Psiquiatra



Azul - Dr. Zamboni



Lilás - Verinha

Um homem, sete telefones, um universo...

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**



A peça apresenta-se em três atos, cada ato com apenas um personagem presente. O primeiro, de introdução, curto, com o profeta Isaías, no ano 750 A.C. O segundo, na época atual, com um empresário ambicioso de uma potência industrial, envolvido pela neurose coletiva (e seu monólogo com os personagens de sete telefones). O terceiro, no ano 2071... possivelmente, com um representante do que resta da humanidade, um preto, dialogando com um dos computadores que dominam o planeta denominado terra.

Composições de cores para a transição entre o 2º e 3º ato (slides projetados em tela.) Música para a peça especialmente composta pelo autor.

Os três personagens dos três atos, o profeta, o empresário do século XX e o preto do ano 2071, são representados pelo mesmo ator..

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS



I ATO

C. REGRA-MÚSICA DE INTRODUÇÃO

CENÁRIO

PALCO VAZIO. ACENDE-SE REFLETOR COM LUZ DIRIGIDA PARA ATOR EM POSIÇÃO DE PRECE, IMÓVEL.

NARRADOR- Ano 750 Antes de Cristo. Profeta Isaías.

C. REGRA-MÚSICA BG

ATOR - (COMEÇA A RECITAR)

"De que me servem a multidão de vossos sacrifícios? diz o SENHOR. Desfaçam-se as ataduras da servidão, deixem-se livres os oprimidos e despedace-se o jugo".

"Que repartas o teu pão com o faminto, recolhas em casa os desabrigados, e se vires o nú o cubras".

"As vossas iniquidades fazem a separação entre vós e vosso Deus. Ninguém clama pela justiça, ninguém comparece em juízo pela verdade; confiam no que é nulo e falam mentiras. Vossos pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; vossos pensamentos são pensamentos de iniquidade, em vossos caminhos há desolação e abatimento".

"Não continueis a trazer ofertas vãs. Não posso suportar a iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas solenidades já me são pesadas, estou cansado de sofrer."

"Como se fez prostituta a cidade fiel. Ela que estava cheia de graça."

"Não digas que foi a tua força e o poder do teu braço que adquiriram estas riquezas. Antes te lembrarás do teu Deus, porque é ele que te dá forças para adquirires riquezas."

"A sua terra está cheia de prata e de ouro e não tem conta os seus tesouros."

"Também está cheia a sua terra de ídolos; adoram a obra de suas mãos, aquilo que seus próprios dedos fizeram."

"Se tu esqueceres do Senhor teu Deus e andares atrás de outros deuses, e os servires e adorares, protesto hoje contra vós que perecereis." (VAI REPETINDO) Se os adorares protesto contra vós que perecereis... Se os adorares protesto contra vós que perecereis... Se os adorares protesto contra vós que perecereis...

IMPRESSÃO
A. E. T. S. S. S.
D. P. F.

TRANSIÇÃO ENTRE 1º E 2º ATO

C. REGRA-SILÊNCIO POR 15 SEGUNDOS PARA DAR IDÉIA DA PASSAGEM DO TEMPO, SUCESSÃO DE LUZES AMARELAS, VIOLÁCEAS E VERMELHAS. MARCHAS MILITARES DA ALEMANHA NAZISTA QUE CULMINAM COM TAMBORES E SONS AGRESSIVOS DE BOTAS NAZISTAS, AUMENTANDO GRADATIVAMENTE.

VOZ DE CRIANÇA (GRITO DE TERROR EM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO)

Mamãe... Mamãe...

C. REGRA-IMPACTO POR TRECHOS MUSICAIS EM VOLUME QUE TERMINAM POR RITMOS DE IE-IE-IE (IDÉIAS DE TRANSIÇÃO ENTRE 1940 E 1971)

NARRADOR-Anc de 1971. Local: escritório do diretor de um poderoso grupo de empresas, em um país "desenvolvido".

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



II ATO

CENÁRIO

UM ESCRITÓRIO ULTRA-MODERNO, NO PONTO MAIS LUXUOSO DA CIDADE, DE FUNDO ARRANHA-CÉUS, UMA MESA ENORME COM TELEFONES DE DIVERSAS CÔRES, VÁRIAS POLTRONAS, ^{SOFA} E UM TOCA-DISCO. O ATOR CAMINHA NERVOSAMENTE PELO PALCO. ACENDE UM CIGARRO. FUMA APRESSADO. ESTÁ IMPACIENTE, ESMAGA O CIGARRO. É UM HOMEM NEURÓTICO, CARACTERÍSTICA DO EMPRESÁRIO DA ÉPOCA MODERNA.

ATOR - (MONÓLOGO) - Que coisa! Preciso receber notícias imediatamente. (SUSPIRA) Quando a gente mais precisa saber algo, aí é que tudo demora! Droga! Estas republiquetas de opereta... Ganha-se dinheiro, é verdade, mas o que a gente precisa suportar!

C. REGRA-TOCA O TILINTAR CARACTERÍSTICO DO TELEFONE VERDE.

ATOR - (APROXIMA-SE E EXCLAMA PARA O TELEFONE)

Droga! Não é tu que eu quero.

(SENTA-SE NA CADEIRA DA MESA-ESCRITÓRIO E TIRA, CONTRÁRIA DO, O GANCHO DO TELEFONE VERDE)

Sim, Srta. Bell, o que é que há? Antes de mais nada, a Srta. insistiu na ligação para o deputado Sarmiento? (PAUSA) As linhas estão mal? (EXPLODE) Nem isto eles conseguem manter! Porcaria. Nem uma linha telefônica em condições. Subdesenvolvidos!... Srta. Bell, se não encontrarem o deputado Sarmiento... (SURPRESO) O que? A Srta. acaba de ler no jornal que o deputado Sarmiento fugiu do país? (ARRAZADO) Não é possível... Tente ligação com o Gal. Calderón, e o mais rápido possível. (MUDANDO DE ASSUNTO) O que é que a Srta. deseja? O Leandro? (EXPLODE DE NOVO) E posso eu pensar em Leandro, agora? Ele se diz meu amigo? Então por que é que ele insiste tanto? (PAUSA) Não, de jeito nenhum, sob hipótese nenhuma. Meu telefone particular nunca! Não quero que ninguém tenha meu telefone! Quando eu quiser dar o número, dou eu mesmo. Depois falamos sobre o Leandro. (VOLTA DE NOVO AO ASSUNTO DO TELEFONE INTERNACIONAL) Srta. Bell, é ordem expressa. Não descanse um minuto até conseguir ligação com o Gal. Calderón. Mr. Headstone ficou de telefonar logo mais e o que é que vou dizer a ele, se ainda não sei nada? (PAUSA) O que? Isto é problema seu! Insista com a telefonista do Internacional. (LARGA O TELEFONE BRUTALMENTE E COMEÇA A CAMINHAR F.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PELA SALA). Esta eu não esperava! Revolução! Quem é que havia de adivinhar esta revolução? Se eles tiveram uma há apenas três meses atrás? (PENSATIVO) Estava indo tudo tão bem... Conseguimos tudo o que queríamos com o governo. Condições especialíssimas... Mas agora o deputado Sarmiento fugiu... Vamos esperar que Gal. Calderón não tenha sido fuzilado... E foi por insistência minha que Mr. Headstone concordou em aplicar um fabuloso capital lá. De fato, Her Von Lieber não simpatizava muito com a idéia. Mas, Monsieur Lagrange e Van Dines são incapazes de discordar de Mr. Headstone. E agora isto! Revolução! Revolução! Revolução! (VIRA-SE PARA A PLATÉIA E APONTA UMA METRALHADORA FICTÍCIA).

tá - tá - tá - tá - tá - tá
tá - tá - tá - tá - tá - tá
tá - tá - tá - tá - tá - tá

Revolução, revolução, revolução! Bosta, bosta de revolução! Com tanto outro lugar para fazer revolução, por que logô ali? Está aí a África do Sul, pedindo uma revolução e nada! Três milhões de brancos exploram bárbaramente treze milhões de negros e nada de revolução! Mas onde eu sugeri aplicar uma montanha de dólares, vem revolução... "Es la sangre calliente"...

C. REGRA-TOCA NOVAMENTE O TILINTAR CARACTERÍSTICO DO TELEFONE VERDE.

ATOR - (SENTA-SE À MESA, ABORRECIDO, E PEGA O FONE) Que é que há Srta. Bell? Mas eu já não lhe disse que o assunto do Leandro fica para depois? A Srta. não sabe como estou me sentindo com "esta gloriosa revolución"? Não posso pensar em nada agora! (PAUSA) Eu sei que ele está insistindo. (PAUSA) O que? Diz que é assunto de muita urgência? E ele por acaso pensa que é o único homem do mundo? Ele sabe o que estou passando agora com "la revolución"? (PAUSA) Ah, sim, disse que revolução há todos os dias... Pois, responda que casos como o dele há muito mais do que revoluções. Ele que espere se quiser. E por favor, Srta. Bell, não me volte com este assunto mais hoje. (LARGA O TELEFONE, COMEÇA A CAMINHAR). Que coisa! Se Leandro se diz meu amigo e se me quisesse um pouquinho bem, não me incomodaria tanto. Amigo, amigo, amigo... Amigo porque sou rico e porque precisa de mim. Amigo porque tenho poder... Se fosse de outro jeito pobre aí não seria mais amigo... Está certo, fomos colegas desde o ginásio, cursamos juntos o colégio... di

vertiamos nos juntos. Estudávamos juntos, matávamos a surta juntos, furávamos os pneus dos professores chatos juntos, e juntos uma vez fugimos de casa...

C. REGRA-TOCA O TELEFONE MARRON.

ATOR - (SENTA-SE A MESA, Alô? A Catarina quer falar comigo? Diz a ela que estou no telefone. (PAUSA) Alô, Caty? Como é que vai, irmãzinha? Eu? Tudo bem. (BAIXINHO) Apenas, uma revolução... O que? Nada. Não falei em revolução... Não, não te assustes. (PAUSA) O Cláudio? Que é que tem o Cláudio? Faz três dias que não aparece em casa? "É a titia do bebê que está preocupada"! (RI GOSTOSAMENTE) Ora Caty, está na idade... deixa êle aproveitar. Qualquer coisinha que êle faz você logo acha que é demais (PAUSA) Dou muito dinheiro a êle? Você precisa ter idéias do que os pais dos amigos dêle dão aos filhos. O Cláudio só tem um carro de corrida. (PAUSA) Caty, você se lembra com que miséria nós fomos criados? Se sou rico, por que não vou dar de tudo ao Cláudio? O que? (PAUSA) Você tem medo que êle corra demais? Que nada! O Cláudio tem a cabeça no lugar. Fuxou o pai. (RI SATISFEITO) Deixa êle se divertir! (PAUSA MAIS PROLONGADA) Eu sei, eu sei... mas êle não teve culpa. O rapaz estava embriagado. Era de madrugada. Nestas condições ninguém consegue evitar um atropelamento. O advogado Zamboni, que está tratando do caso, disse que não tem problema. Além do mais, Caty, isto foi no mês passado, já passou... Afinal, para êstes garôtos, em cada dia a vida se renova, entende? Êles devem aproveitar ao máximo. É para isto que pais como eu trabalham... (PAUSA) O que? Não me interessa nem saber. Pois ela que vá pedir os conselhos para a mãe dela, que deixou-a casar com aquêle moleirão. Não me meto nisso. (PAUSA) Sei que é minha filha mas, sinceramente, depois que ela casou com aquêle sujeito, prefiro distância. E vou te dizer: tu és a única pessoa no mundo, como irmã, a quem respeito. Por isso te peço: Não me fales mais em Gisela. (FURIOSO) Sim, sim, é isto mesmo. Não me interessa! Se a Gisela resolveu casar contra a minha vontade o problema é dela. Não entro na história nem como pai, e muito menos como sogro de aquêle arrogante. Imagina só, aquêle fedelho chegou até a sugerir que eu sou um explorador, que empresas como as nossas não passam de grupos de gangsters organizados, que exploram o povo... Pois bem, que more num subúrbio, êle que



to"... (PAUSA) Gisela não quer dinheiro meu? Muito bem! Pois eu não pretendo dar mesmo. Se der a ela, estou dando ao marido. Nada feito! Quem vai herdar tudo o que é meu é o Cláudio. E diz à Gisela que, enquanto ela continuar com este economistazinho barato, prefiro que não venha falar comigo. (PAUSA) O que? Não se preocupe... daqui a pouco o Cláudio chega em casa. (RI ORGULHOSAMENTE). Puxou o pai! Até logo.

(RECOLOCA O FONE, ESPREGUIÇA-SE E COMEÇA A CAMINHAR SATISFEITO PELA SALA). O Cláudio é a única coisa boa no mundo. Não é como aquele bobo do marido da minha filha, sempre com ar de "sêriozinho", de diferente. Imaginem, chamar-me de "explorador do povo"! Já me tira a minha filha, que eu criei como um mimo, e ainda me ofende. (MUDA DE TOM) O Cláudio não! O Cláudio é alegre, o Cláudio ama tudo!... A Caty é muito preocupada! Toda solteirona é assim mesmo... A mais velha da família, encheu de dengues as crianças. Depois, a Caty tem um coração de santa. Isto já nem existe mais... ela perdoa tudo... Até a Marlene, minha ex-espôsa, a mulher mais egoísta do mundo, ela perdoou... E, ainda fala com ela... Só a Caty mesmo!

C. REGRA- TOCA O TELEFONE VERDE.

ATOR - (ATENDE DE PÉ) Sim, Srta. Bell, pode falar... (MUITO SURPRÊSO) O que? Mas não é possível... Me ligue com Roma. Ele está na linha? Eu falo. (LARGA O TELEFONE VERDE E PEGA O TELEFONE VERMELHO, INTERNACIONAL).

Signore Barberini. (IMPACIENTE) Bem, vou bem... Vamos ao assunto. O que? (PAUSA) Não querem mais entregar os produtos ao mesmo preço? (FURIOSO) Pois comprem as ações da fábrica. Adquiram a maioria. Quero o comando destas organizações. Não importa o preço! Compre. (PAUSA) Dezesete firmas ficarão arruinadas? Não interessa! Vai haver onda de desemprego? E o que é que eu posso fazer? É guerra, guerra de mercados! Compre, compre, compre tudo... Compre as ações, compre todos os títulos que julgar necessários... Compre as pessoas que fôr preciso comprar. E em seguida! (BATE O TELEFONE COM FÓRÇA) Bandidos... Com quem eles pensam que estão brincando?... (ATAQUE DE FÚRIA) Bandidos... bandidos... bandidos... Humanidade bandida... Não há mais decência hoje em dia... (PEGA UM CINZEIRO E O ARREMESSA AO CHÃO, CAMINHA NERVOSAMENTE PELA SALA E SE POIS HESITA DIANTE DO TELEFONE BRANCO, DURANTE ALGUMAS VÉZES AGARRA

-O E SOLTA-O. ATÉ QUE SE DECIDE E DISCA O NÚMERO E PELA
MEIO CONFUSO) Alô? Dr. Alder? Boa... Boa tarde... O Sr.
vai bem? Desculpe-me, mas há momentos em que o Sr. é in-
dispensável... Não estou incomodando? O Sr. vai bem?...
O que? Não importa como o Sr. vai? O que importa é como
eu vou?... (DECISIVO) Pois eu não vou nada bem. Estou de
novo daquela maneira, Doutor, que se dependesse de mim,
destruía tudo... O que? Está atendendo alguém? Está bem,
vou procurar me controlar... Eu ligo mais tarde... O que?
Ouvir um disco? Relaxar? Sim Senhor, está bem. Até logo.
(APROXIMA-SE DO TOCA-DISCO E COM UMA SIMPLES BATIDA DO PÉ
COMEÇA A TOCAR A MÚSICA)

C. REGRA-MÚSICA DO "GATINHO". TOCA UM TRECHO

ATOR - O que não faz a eletrônica. (DEITA-SE NO SOPÁ E RELAXA EN-
QUANTO OUVI A MÚSICA. DEPOIS SE LEVANTA, VAI ATÉ O ARMÁ-
RIO. ENCHE UM COPO COM BEBIDA. FAZ UM BRINDE SIMULADO. APRO-
XIMA-SE DE UMA POLTRONA E CONVIDA UMA DAMA IMAGINÁRIA PA-
RA DANÇAR E VALSA COM ELA EM POSIÇÃO DE QUEM SEGURA UMA
DAMA, PELO PALCO. DEPOIS DE MUITO RODOPIAR, CANSA, A MÚ-
SICA CONTINUA DE FUNDO. DEIXA-SE AFUNDAR NUMA POLTRONA).

ATOR - Ufa... Este meu psiquiatra é bom mesmo... Uma música e a
gente quase que esquece tudo. (COMEÇA A RIR) Já fiquei
bom. Valsa é valsa. A Marlene, minha primeira mulher, co-
mo gostava de valsa... Já a Verinha é completamente dife-
rente... Gosta de ié-ié-ié... Engraçado, a Marlene adora
va dançar movendo o corpo no espaço (FAZ O JEITO). A Ve-
rinha, quando dança (IMITA IÉ-IÉ-IÉ) move o corpo dentro
do corpo... É mulher em tudo, até no ritmo... (ENCHE DE
NOVO O COPO E SIMULA UM BRINDE) A todas as mulheres do mun-
do... menos à Marlene! (RI GOSTOSAMENTE MAS O SEU RISO É
CORTADO PELO TINTAR DO TELEFONE AMARELO.

C. REGRA-TOCA TELEFONE AMARELO

ATOR - (ATENDE DE PÉ) Alô... Sim Sr.... (NERVOSO) Estava esperan-
do o seu telefonema, Mr. Headstone... Sinto muito... Já leu
pelos jornais? (CONTA) O deputado Sarmiento fugiu... Estou
tentando por todas as maneiras uma ligação com o Gal. Cal-
derón. (JUSTIFICA-SE) Eu sei Mr. Headstone, mas estou fazen-
do o que posso... (MUDANDO DE TOM) Em Roma? Já obedeci ri-
gorosamente suas instruções para casos desse tipo
comprar todas as ações... (CONTENTE) Certo... Ce-
gado? O Sr. terá a reunião com o grupo logo mais



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

da? Bem, eu acho que até a noite já terei falado com o Gal. Calderón. Está bem. Telefone. "Good bye". (RESPIRA A LIVIADO) Ufa... pensei que ia ser pior. (LEVANTA O TELEFONE VERDE) Srta. Bell, como é que está a ligação com o Gal. Calderón? Nada ainda? Não pare de insistir. (COMEÇA A CAMINHAR). Não sei se é questão de jeito. Todô o mundo tem um médo danado de Mr. Headstone. Não é que eu não sinta um pouco de pavor também, mas perto dos outros sou um corajoso. Ninguém consegue enfrentar o homem, face a face, Her Von Lieber, Monsieur Lagrange, Van Dines, sôzinhos, um por um, são umas feras... Mas, quando estão todos juntos, na frente de Mr. Headstone, viram todos mansinhos, mansinhos.. Parecem uns inocentes cordeirinhos. Também, pudera... Mr. Headstone é uma potência... vinte e cinco hotéis de luxo, cento e cinquenta e três indústrias, uma cadeia de mil e trezentos super-mercados. E isto, apenas para começar. Pois o seu forte mesmo são os bancos e as caixas financeiras que possui sob contrôle acionário, espalhadas por todo o mundo. Mr. Headstone é um fenômeno. A qualquer hora do dia, em qualquer minuto, êle sabe a situação de qualquer de suas emprêsas. Armou o negócio de tal maneira, que cada diretor, cada gerente tem a sua ação controlada por um sistema de trabalho ultra-coordenado. Escolhe seus administradores a dedo. Caça-os por todo o mundo... Sendo um administrador bom Mr. Headstone vai buscá-lo na Alemanha, no Japão, na França, onde êle estiver... Paga cinco, dez vezes mais do que o homem ganhava... Cem vezes mais... se fôr necessário Mr. Headstone compra quem êle quiser... (TOM) Compra... Mas fiscaliza... e como! Por isto Her Von Lieber, Monsieur Lagrange e Van Dines, embora bons gerentes, tem tanto médo dele!... (SORRI) Mas, eu consegui dobrar Mr. Headstone. Os outros do grupo morrem de ciúme. Também, êles não sabem do segredo. É ter paciência para escutar as confidências de Mr. Headstone. (RI) Engraçado, por mais inteligente que um homem seja num setor, sempre há outro em que êle é infantil. (SEGREDADA AO PÚBLICO) Mr. Headstone é dado a conquistas amorosas. Tem cinquenta e sete anos mas sente-se o próprio cupido. Outro dia conheceu em Madrid, "una señora". O romance foi rápido. Mr. Headstone se apaixonou com a mesma velocidade com ^{que} os dólares deixam o seu bolso. Mas o que êle me contou foi bastante divertido. Ela, muito viva, foi ajudá-lo a adquirir presentes para a esposa. E comprava ^odo duplo. Dois brilhantes iguais, duas saias, duas



umas iguais, sempre uma para ela e outra semelhante para a esposa de Mr. Headstone. Assim - ela disse - quando Mr. Headstone estivesse na cama, com sua esposa, se lembraria dela... (MALÍCIA que romantico! (PAUSA) Mas, Mr. Headstone, além de conquistador também é dado a ter seguidamente, crises de depressão... Os problemas internacionais o angustiam. Será que a Rússia e os Estados Unidos poderão realmente viver em paz? (SEGREDA COMO SE FOSSE UMA GRANDE NOTÍCIA) Mas o que ele mais teme são os chineses... No dia do lançamento do satélite chinês, Mr. Headstone tomou aquela bebedeira. E isto apesar de já ter mandado há muito tempo, construir o seu abrigo contra bombas nucleares... Também o que é que os chineses querem que não deixam homens como Mr. Headstone trabalhar em paz? O que eles têm é inveja... porque não possuem homens como Mr. Headstone... (ADMIRAÇÃO) Homens como Mr. Headstone são de uma capacidade extraordinária... São eles que sustentam o mundo sobre os seus ombros... São eles que trazem o progresso... (ENFASE) Mr. Headstone não é um homem comum... Ele é um superhomem... Ele é uma amostra de como serão os homens do futuro!...

C. REGRA-TOGA O TELEFONE VERDE.

ATOR - (VAI ATENDER) Sim, Srta. Bell (PAUSA) Mas não é possível. Vão fazer uma passeata contra a fábrica? Mas estes estudantes não sabem mais o que querem. Pois mande distribuir notas em todos os jornais sobre os bens que a fábrica tem feito por aquela coletividade. (PAUSA) Continuam se queixando contra a fuligem, a a f u m e i r a que está intoxicando o lugar? Isto não faz mal a ninguém! E quando não tinham o que comer, quando não havia trabalho, era melhor! Estudantes... querem ser os donos do mundo! Bem que Mr. Headstone tem razão. É só largar as rédeas e eles tomam conta. E tem outra a partir de agora, corte todos os doativos para colégios e estudantes. (LARGA O TELEFONE VERDE E RESMUNGA) Gases na atmosfera. Hidrocarbonetos... Lixo que flutua no ar... Ora bolas... O pior é o lixo na terra. Estudantes fazendo greves contra gases na atmosfera. Boa seta... Em vez de se preocuparem com estudos ou com sexo, pensam em lixo. (PAUSA) Está aí o milagre do Japão. Mr. Headstone é sócio de qu... gigantes cas fábricas japonesas... Pois bem, o que era o Japão antes da guerra? Um paizinho insignificante, exportador

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

II A7




cicletas de quinta categoria... Os piores artigos que ofereciam na Europa eram os que vinham do Japão... E hoje? Hoje não é mais Japão. É o Sr. Japão, com os mais categorizados produtos do mundo, uma eletrônica fabulosa, (LEVANTA AS MÃOS) 500.000 indústrias trazendo o progresso fabuloso ao país... (INTERROGAÇÃO) Que fazem então os estudantes? Queixam-se que 500.000 fábricas estão ininterruptamente intoxicando a atmosfera... matando gente... Que importa os rios poluídos? Que importa uma fábrica a mais? A guerra não mata muito mais? O que conta é o progresso, como por exemplo o homem ter conquistado a lua.

C. REGRA-TOCA O TELEFONE MARRON.

ATOR - Alô... Sim Caty (PAUSA) Mas eu já te disse. Ele é rapaz... não te preocupes. Vai aparecer. (CONCORDANDO) Está bem, está bem, vou telefonar ao Dr. Zamboni para que o procure. Até logo, Caty. (LARGA O TELEFONE MARRON E PEGA O AZUL) Alô... Dr. Zamboni... Sim, a minha irmã está preocupada porque o Cláudio não aparece três dias em casa. Sabe, coisas de rapaz... Não, não falei a ela sobre a prisão, sobre o flagrante com a cocaína... Se ela sabe disto morre... Para Caty Cláudio é uma criança. Mas não saiu publicado em nenhum jornal, nada. E Cláudio me jurou que nunca mais botaria a mão em entorpecente (PAUSA) Devo controlá-lo? Dr. Zamboni, eu faço o que posso. (PAUSA) Não consegui evitar o processo? E tem o caso daquela moça? Mas eu já a indenizei. Cláudio alega que não foi ele quem a deflorou. Que nem teve nada com ela. Foi alguém da turma, mas tudo sempre é com o Cláudio. (PAUSA - SORRI) Mas mesmo que tivesse sido ele, o que é que tem, Dr. Zamboni? Isto é da idade. Está na época de gostar de garotas... (PAUSA) Tenho que refrescá-lo? Puxa, Dr. Zamboni... O Sr. até parece a Caty... Procure encontrá-lo... Está certo, fico esperando o seu telefonema.

(LARGA O TELEFONE AZUL, PENSATIVO E PREOCUPADO, LEVANTA O FONE VERDE)

ATOR - Alô, Srta. Bell? Nada com a ligação para o Gal. Calderón? (PAUSA) Está bem... Está bem... Eu espero! (FURIOSO) Mas de novo? Eu já não disse que iria pensar depois no assunto de Leandro? Ele quer vir aqui falar comigo? Mas de maneira nenhuma. Eu já instalei este escritório eletrônico porque não quero conversa direta com ninguém... (PAUSA) O que? Que eu não sou humano? Pois diga a ele, que sou humano até demais... É por isso que ele se sente no direito de...


comodar... (SOLTA, ZANGADO O TELEFONE E COMEÇAR A CAMINHAR)
Problemas em cima de problemas... O Leandro diz que eu não sou humano... mas só pensa nêle. Está certo, nós éramos muito amigos. Nas verdade fomos os melhores amigos do mundo. Estudamos desde o primário na mesma sala. Cursamos o ginásio juntos. Fizemos todos os estudos colegiais um com o outro. Gazeteávamos aulas juntos. Bebíamos escondidos, juntos. (SUSSURRA, COMO SE ALGUÉM O ESTIVESSE ESCUTANDO) E até juntos fomos pela primeira vez num bordel... (SORRI) E como tivemos que economizar para esta nossa estréia... Pois tanto eu como o Leandro viemos de famílias paupérrimas. A nossa juventude poderia ter sido uma maravilha, se não fosse esta maldita falta de dinheiro... Nós filosofávamos juntos e nos perguntávamos por que alguns eram tão ricos e outros tão pobres? Em conversas e discussões estrávamos pelas madrugadas a dentro... E na nossa ingenuidade juvenil, tínhamos por meta mudar o mundo, quando fôssemos homens... Certa vez, decidimos que seríamos políticos... De outra feita, padres... E apesar da pobreza, eu e o Leandro, não nos podemos queixar da nossa juventude... Ah, como eram divertidas aquelas aulas do ginásio... E os professores... Tinham uns muito bons, mas outros que pareciam querer se vingar na gente. E nós também lhes pregávamos cada peça... O Leandro então era uma verdadeira parada... Naquela época, em nosso colégio se ensinava latim. E latim por si só, já é uma matéria complicada... Pois o professor era um velhinho chamado Schmeling. Era o carrasco daquela época. Vivia mastigando uma coisa fictícia na boca (IMITA O JEITO DE CAMINHAR DE VELHO MAU, COMO SE ESTIVESSE MASTIGANDO UM CHICLÉ QUE NÃO EXISTE NA BÓCA). O Prof. Schmeling era o terror. Quem passava no latim, passava facilmente nas outras matérias. Mas o problema era passar no latim. (PAUSA) Na nossa turma havia um rapaz que era doido por tocar corneta. Durante todo o dia ficava com o bocal da corneta na boca. A gente não podia mais parar ao lado dêle, porque êle não falava, só tocava aquela porcaria. A gente perguntava qualquer coisa a êle... e pronto! A resposta que vinha era um som! (IMITA CORNETA) Tuh, tuh, tuh... E como tocava mal... Mesmo treinando dia e noite não conseguia encaixar na banda do colégio, era o seu grande sonho. De tanto encher com a corneta os companheiros de aula deixaram de chamá-lo pelo nome e apelidaram de "Corneta". "Como é que vai, Corneta?"



jogar futebol com a gente, Corneta?", "Hoje tu vais me pagar os dez que eu te emprestei, Corneta?"... e assim por diante. Um dia, o prof. Schmeling estava dando aula de latim. Nós éramos cinquenta dentro da sala... eu nunca vou esquecer isso. De repente, o prof. Schmeling, entre outras palavras em latim, escreveu no quadro negro "tuba". E explicou: "Tuba significa corneta." Foi aquela gargalhada de toda a turma. Já o apelido do rapaz, que era Corneta, passou, automaticamente, a ser "tuba". "Como vai Tuba?" "Tudo bom, Tuba?" "Te roubaram a merenda ontem, Tuba?" (MUDA DE TOM) Mas, o prof. Schmeling continuava cada vez mais terrível. E o Leandro que era o mais esperto da turma, procurou uma vingança. O prof. Schmeling só sabia dar aula escrevendo no quadro-negro. Assim combinamos com todos que quando o velho Schmeling se virasse de costas, para escrever no quadro negro, todos de uma só vez, gritaríamos "TÚ-BA". E era aquela coisa. Mal o velho se virava, o Leandro dava o sinal. Contava, baixinho: "um, dois, três..." e todo o mundo gritava junto: (IMITA A AULA EM UNÍSSONO, PAUSADAMENTE): "TÚ-BA..." O velho Schmeling se virava que nem uma fera... Mas aí só encontrava anjinhos compenetrados, fazendo as lições, com a cara mais senta do planeta... Mas quando voltava a escrever no quadro-negro o Leandro dava o sinal: (BAIXINHO) "um, dois, três, TÚ-BA." O prof. Schmeling se virava rapidamente... todo o mundo quieto, absorto no aprendizado do Latim... Aí o Leandro, de novo "um, dois, três... TÚ-BA..." Às vezes, o velho fazia que ia escrever no quadro-negro e virava de repente para flagrar a turma... Mas, nós já estávamos para lá de treinados... A gente controlava direitinho o jeito do professor... Mais de quinze vezes, durante cada aula de latim, o Leandro dava o sinal (BAIXINHO) "Um, dois, três..." E, lá vinha, de resposta, um TÚ-BA daquele tamanho, que se ouvia em todo o colégio... Resultado: O coração do velho Schmeling não era lá grande coisa. E antes do fim do ano seu médico obrigou-o a pedir demissão da Escola. (SORRI GOSTOSAMENTE) Ah, o Leandro era espertíssimo e divertido... Costumava pregar cada peça... Noutra ocasião, ele quis tirar desforra do Melchiades... Isto já no ciclo colegial. O Melchiades era um enorme da um ra pagão, metido a valente, e que a bem da verdade, era mesmo. Alto, gordo reforçado, seu apelido era "Jóquei de elefante". Alguns dias antes havia mexido comigo.



tomou as dôres também e o esperamos na esquina, na saída do colégio, para quebrar-lhe a cara. Pois bem, nós dois apanhamos, juntos, porque o "Jôquei de Elefante" era um lutador de verdade. Passadas algumas semanas houve uma festa do colégio, numa fazenda perto da cidade. Centenas de alunos foram. Comeu-se e bebeu-se à vontade. Cantaram-se os hinos e assim por diante. Mas, não eram só alunos homens no nosso colégio. Havia também garôtas e, além dessas, damas da alta sociedade e até o prefeito e a esposa. Todo o mundo junto, no meio do campo, comendo e bebendo... Aí, de repente, o Leandro nota que o Melchiades está se dirigindo para o W.C. É preciso dizer que o Melchiades, com todo aquêles corpo, sofria de uma prisão-de-ventre daquelas. E por isto, sempre levava uma revistinha para o W.C. Ora, vocês não sabem como é W.C. de campanha? Pelo menos aquêles era assim... Um metro por um metro, um metro quadrado. As paredes de tijolo com rebôco grosso, chão de cimento, uma porta de madeira, um telhado de barro e numa das paredes, lá em cima, uma pequena abertura para ventilar... Já haviam passado quinze minutos que o Melchiades estava dentro do W.C. Lá fora as damas estavam sentadas na relva, os cavalheiros conversavam, e os estudantes jogavam bola em algazarra... Sômente o Melchiades, isolado, lendo a sua revista no W.C. Foi naquele momento que Leandro julgou a ocasião para pregar uma peça ao Melchiades, pela surra que êle nos deu... Era numa época perto de S. João. O Leandro foi, ligeiro, numa fazenda vizinha e conseguiu uma bombinha de festa... (MOSTRA AS MÃOS) Uma bombinha dêste tamanho... Sorrateiramente, sem ninguém notar, aproximou-se do W.C., acendeu a bomba, e jogou-a através da abertura, lá em cima, dentro do cubículo. Foi aquêles estouro. BŪM... (FAZ UM GESTO COMO SE UMA BOMBA TIVESSE DESTRUÍDO UMA CIDADE) Todo o mundo se assustou, pois o barulho de uma bombinha num recinto fechado, como aquêles W.C., sôzinho, no meio do campo, dá aquêles susto... B Ū M... Ché as damas se levantaram espavoridas da relva, os cavalheiros pararam de falar, os estudantes pararam de jogar bola... "O que foi, o que foi, o que foi?..." perguntavam todos... E eram aquelas centenas de pessoas, todo o mundo com o olhar fixo no W.C. branco, que pelas frestas do telhado, e pela janelinha lá de cima, deixava escapar a fumaça da bomba.. (ÊNFASE) Aí, no meio do silêncio e suspiro geral: abre-se a porta do W.C., sai uma cortina de

maça, a atrás o Melchiades, ^OJóquei de Elefante, no meio daquele mundo de gente com as calças na mão, somente com uma camisa curta e embaixo completamente pelado, as pernas cabeludas, chorando de medo e terror... "O que foi, o que foi, o que foi?... " Nunca ninguém riu tanto de alguém como naquele dia... (SORRI COM SAUDADE) Dava para eu escrever um livro sobre a astúcia do Leandro. E aquele dele do professor de Inglês... Tinha um professor que eu acho so fria da doença do sono... Magro, ^{alto,} ~~era~~ o tipo do súdito britânico à antiga: Sempre de guarda-chuva e chapéu de côco. Dava meia hora de aula, bocejando, e automaticamente, na meia hora seguinte mandava fazer exercícios. Aí, enquanto a aula trabalhava, ele invariavelmente, se sentava na vertical, botava o chapéu de côco (FAZ O GESTO) se apoiava no guarda-chuva, fechava os olhos e adormecia... Isto todos os dias... Pois bem, certa vez o Leandro, enquanto êle dormia, tirou-lhe o guarda-chuva do meio das mãos e colocou um enorme osso no lugar... Pode-se imaginar a cara, a surpresa do Mr. que adormeceu com um guarda-chuva e acordou, entre surpreso e assustado, segurando um osso... (MUDA DE TOM) Que sujeito formidável era o Leandro... Quando eu fui suspenso por quinze dias êle foi falar com o diretor e, não conseguindo nada, considerou-se, em protesto, suspenso também e não foi à escola até que eu voltasse... (SUSPIRA) Ê... mas o tempo passou... Depois veio a Marlene, eu me apaixonei por ela... A Marlene desejava o mundo, odiava a pobreza, e não simpatizava muito com o Leandro... O Leandro queria sempre melhorar de vida, mas dizia que tudo tinha o seu preço, que a felicidade não era só o dinheiro... Quando comecei a vencer, a organizar minhas primeiras empresas, sempre ajudei o Leandro. Entusiasmei-o, dei-lhe dinheiro... Mas o Leandro não dava para isto. Meteu-se a ajudar os irmãos e constituíram uma firma juntos. Mas os negócios cada vez piores. Eu não gosto dos irmãos do Leandro. E já fiz muitos empréstimos e inúmeras concessões a eles. No caso do Leandro nem obedeço o conselho que Mr. Headstone sempre me dá "Cuidado, aquele que tu ajudas para não morrer, não te deixa viver". Eu tenho feito muita coisa pelo Leandro. Há seis meses atrás arranjei, a juros, para lá de razoáveis um vultuso empréstimo de uma de nossas financeiras. Mas, de gerto, êle deve estar de novo em más condições econômicas. D. P. F.
E eu posso lá pensar em todo mundo?

(APERTA O BOTÃO PARA ENTRAR A MÚSICA DO "GATINHO")

C. REGRA-MÚSICA DO GATINHO

ATOR - COMEÇA A DANSAR AO RITMO DA MÚSICA

C. REGRA-TOCA O TELEFONE MARRON.

ATOR - (SENTA-SE E ATENDE) Sim Katy... Já, já... Já falei com o advogado Zamboni... Está bem, eu te telefono, assim que houver notícia... (RECOLOCA O FONE) Criatura santa esta minha irmã... Eu acho que é a única pessoa do mundo que presta mesmo. Também, não liga para dinheiro... Pois no momento que se quer ganhar dinheiro o mundo vira uma selva... O maior tem que engolir o menor. Não tem outro jeito. É preciso ludibriar, ser duro, não conceder nada...
DESLIGA O DISCO.

C. REGRA-TOCA O TELEFONE LILÁS.

ATOR - Alô? Verinha? (FICA ALEGRE) Prá ti também... Um beijinho bem gostoso. (IMITA UM BEIJO COM OS LÁBIOS) Assim, assim... (PAUSA) Não! É impossível... Estou cheio de problemas aqui. Hoje não vai dar... Não te amo mais? Não diz isto, bobinha... Não gostaste do colar que mandei, ontem? Pois então?... (ZANGADO) Não diz isto, ouviu?... Achas que não sou mais homem, porque faz três semanas que não dormimos juntos? (PAUSA) Se tu soubesses o que se passa aqui nem terias vontade de pensar em sexo... Ora, vá para o inferno, faz o que tu quiseres... (DESLIGA MAL-HUMORADO O TELEFONE E COMEÇA A CAMINHAR PESADO, COM A TREPIDAÇÃO A MÚSICA "O GATINHO" ENTRA EM TODO O VOLUME... ELE SAI CORRENDO E TIRA O DISCO DA ELETROLA E ATIRA-O NO CHÃO. DEPOIS O LIMPA E O RECOLOCA NO LUGAR). As mulheres não entendem... No mundo dos negócios sobra muito pouco tempo para fazer o amor... A Verinha quer dedicação, mas adora também os anéis. Tem loucura por diamantes e é doída por automóveis do último tipo. É por isso que eu e tantos outros temos que trabalhar desta maneira... Qual! Mulher é tudo igual.. Gostaria de saber se nestas três semanas ela foi fiel a mim... Que nada! Aquê! rapazinho, que eu sempre encontro no apartamento dela já descobri que não é seu primo!... Marlene, Verinha, são todas do mesmo tipo... Por isso é sou fã do provérbio árabe: "Bata na mulher! Bata sempre! Bata com toda a força que puder! Você pode não saber por que está batendo... Mas ela, com toda a certeza, saberá porque está apanhando".



C. REGRA-TOCA O TELEFONE VERMELHO

ATOR - Alô? Sim... (CONTRARIADO) Mr. Gluber, o Sr. ainda não entendeu? O que é que Mr. Headstone pode fazer para que vocês compreendam sua estratégia de ação? Estou preocupadíssimo com a maldita "revolução" e você me vem com coisinhas banais... (TOM) Vou lhe explicar de novo. Por que é que você tem medo de agir? Não se recorda da última reunião? Mr. Headstone foi bem explícito: Quer o controle dos computadores, entãde? Quem tem os computadores tem o poder e dita as ordens, OK? Simples, não é? (CANEADO) Sim, sim, Mr. Gluber, isto é válido para qualquer país... (TOM) Mr. Gluber outra coisa: pode inverter as verbas que julgar necessárias para empregar os cientistas... Aumente a comissão técnica encarregada de buscar físicos, jovens estudantes de talento, qualquer pesquisador eletrônico promissor... Quero todos trabalhando para o nosso grupo... Lembre-se das palavras de Mr. Headstone: "O capital de um grupo econômico já não é mais o dólar, o marco ou o rublo... É o homem talentoso..." Isto... Agora você compreendeu... Nós precisamos aplicar, todo o nosso capital de dinheiro na compra de físicos, de administradores e dos homens que comandam a sociedade... Os computadores mais avançados devem ser nossos. E nós precisamos construí-los. Sim, agora você está compreendendo... Hoje o poder econômico compra a tecnologia. Amanhã, quem possuir o poder tecnológico terá tudo... O poder econômico-financeiro será apenas uma consequência... (PAUSA) Isto... Isto... (SEGREDATA FELIZ) Os computadores estão cada vez mais inteligentes... e logo constituirão uma inteligência muito superior a do homem... São máquinas inteligentes, mas ao mesmo tempo idiotas, pois estão sendo feitas para receber ordens... Um verdadeiro exército de máquinas super-inteligentes... Elas só vão precisar de um chefe... Isto... Mr. Headstone será o chefe ideal deste formidável exército de computadores. E quem mandar nos computadores, mandará neste planeta... no universo! Um mundo novo vem aí... e nele quem deverá tomar as decisões é gente como Mr. Headstone... como nós! Por isto não esqueça: compre os físicos... busque-os onde estiverem... a qualquer preço. Queremos o talento, a física e a eletrônica a serviço de Mr. Headstone. (POE O GANCHO NO LUGAR). E ligeiro. Pois cada minuto é um ano do passado cada hora quase um século.

C. REGRA-TOCA O TELEFONE AZUL.

ATOR - (VAI APENDER) Sim, Dr. Zamboni? Nada? Continue procurando.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-015



(LEVANTA-SE E COMEÇA A CAMINHAR) Onde será que o Cláudio se meteu? Será que a Catarina tem razão? Será que o meu dinheiro está estragando o rapaz? Mas, se eu passei tanta miséria, quando tinha dezoito anos, por que é que eu não vou dar tudo o que posso a êle? (PAUSA) Afinal, depois que a Gisela casou com aquêlo bobalhão só me resta mesmo o Cláudio e a Caty, que é solteirona... (DECIDIDO) Não tem nada... Eu dou ao Cláudio porque posso... Sou um bom pai... Com bastante dinheiro estará sempre rodeado de garôtas... Afinal, meu grande orgulho é que meu filho seja um namorador... Eu também fui... Só que eu não ia a tanto... Deflorar não... Mas, hoje a época é outra. Tudo é mais depressa, mais apressado, mais rápido... Mas também... Hoje as pessoas, as pessoas em si quase já nem existem mais... Não tem lá muito que defender de suas personalidades... Quase não possuem nome... Tudo é número... Número de carteira de identidade, nº da conta bancária, nº de sócio do clube, nº de alistamento militar... número do imposto de renda... números, números, números... Então o amor também se faz por números...

C. REGRA-TOCA O TELEFONE AMARELO.

ATOR - (ATENDE DE PÉ, TODO GENTIL) Sim, Mr. Headstone... Ainda não recebi nenhuma notícia. Creio que com a revolução não foram restabelecidas as linhas... Sim... Mas, até a noite, na reunião que vocês efetuarão em Amsterdam, já teremos novidades. Até logo, Mr. Headstone. (DESLIGA E PEGA O TELEFONE VERDE, ANSIADO) Srta. Bell. A Srta. tem que dar um jeito de me ligar com o Gal. Calderón... De qualquer maneira... (SURPRESO) Que é que tem o Leandro? (CAI DEPRIMIDO NA CAMDEIRA) Se... se suicidou? Mas não é possível... Mandou-me dizer o que? Que não tinha maneira de pagar os títulos vencidos e que eu seja condescendente... Meu Deus do céu... (COMEÇA A CAMINHAR: BOTA A MÃO NA CABEÇA E SEM QUERER ENCOSTA NO BOTÃO QUE LIGA A MÚSICA)

C. REGRA-ENTRA A MÚSICA DO "GARINHO".

ATOR - (SAI CORRENDO E QUEBRA VIOLENTAMENTE O DISCO. GRITA FURIOSO) Leandro era um fraco... Isto é que era... Este mundo é dos fortes... Dos fortes como Mr. Headstone e eu... Mr. Headstone devia ter estátuas em todos os lugares para ser adorado... Homens como êle é que fazem o progresso e a civilização.

C. REGRA-TOCA O TELEFONE VERDE.

ATOR - (ZANGADO) O que é Srta. Bell?... Quem sabe a Sra. parade me chamar tão seguido... O que? A ligação está pronta? (SATISFEITO) O Gal. Calderón vai me chamar dentro de alguns segundos? Ótimo. Ótimo... Parabéns... Srta. Bell, me desculpe ouviu? (SURPRESO) O que? A Srta. não vai mais trabalhar aqui? Por que? Não está satisfeita com o ordenado? (SORRI) Pago-lhe a partir de hoje o dobro, não o triplo! Não é isto? Ganha o suficiente? Então o que é? (DÁ UM SALTO) O que? Nós somos um bando de gangsters defendidos pela lei? (PAUSA) Bandidos? A Srta. enlouqueceu? (PAUSA) Exploradores da humanidade? (GRITA) Ora, vá para o inferno, sua ordinária... Você... (O TELEFONE VERMELHO TOCA INTERROMPENDO)

C. REGRA-TOCA O TELEFONE VERMELHO.

ATOR - (LARGA O GANCHO DO VERDE E PEGA NO VERMELHO) Sim... Sim... (ALEGRE) É o Gal. Calderón? Não, é o deputado Sarmiento? (SURPRESO) Mas, o Sr. não estava fora do país? (PAUSA) O que? O governo está de novo com o poder? "Conseguimos abafar a revolta da Aeronáutica? Os aviões estão velhos e faltaram peças? A Marinha e o Exército tomaram conta? (FELIZ) Ótimo... Já foram fuzilados os desordeiros? Muito bem. Mr. Headstone ficará muito contente... Sim continuaremos investindo... E ainda mais... (PAUSA) Sim, amanhã virá o seu cheque de do Gal. Calderón. Virá junto o do filho do presidente também... Hein? Sim, sim como sempre contra um banco da Suíça. Até logo... até logo obrigado. (LARGA O TELEFONE, ESPREGA AS MÃOS DE CONTENTE)

C. REGRA-TOCA O TELEFONE AZUL.

ATOR - Sim, Dr. Zamboni... Encontrou o Cláudio?... Ótimo... Ótimo... Eu sabia que o Sr. encontraria... (SURPRESO) O que? Não é para eu ficar contente? Mas por que? (PAUSA) Como? Está preso? Mas ainda é por causa do defloraemento da moça aquela? (PAUSA) Não foi ele quem deflorou? Foi um amigo? E ele tomou as dores, por que? (PAUSA) Fala homem... me diz... (SURPRESO) ele e um bando de outros rapazes? O que? A polícia prendeu todos os que estavam num hotel, fora da cidade? (GRITANDO) Mas, por que? Fizeram alguma balbúrdia? Eu pago tudo... Eu pago ouviu? (ESPANTADO) O que? São todos homossexuais? Você está louco? O Cláudio homossexual? (GRITA FURIOSO) Você está maluco, Zamboni, completamente maluco... (SAI CORRENDO PARA A JANELA, FICA POSSESSIVO) Todo o mundo enlouqueceu... Todo o mundo enlouqueceu.



o mundo enlouqueceu... Todo o mundo enlouqueceu... Todo o mundo enlouqueceu... (GRITA PARA A CIVILIZAÇÃO LÁ FORA)
Que civilização é esta? VAI À MERDA! (EM TÔDAS AS LÍNGUAS)
(PEGA UM MÓVEL E O ATIRA CONTRA A VIDRAÇA, LÁ PARA FORA)

C.REGRA-(APAGA-SE A LUZ)

CONTINUA O BARULHO DE ATIRAR MÓVEIS PARA FORA DA JANELA, COMO SE ESTIVESSE DESTRUINDO A CIVILIZAÇÃO. OS RUÍDOS CON
TINUAM E VÃO AUMENTANDO GRADATIVAMENTE, SEGUIDOS POR EX-
PLOSÕES DE BOMBA ATÔMICA. IDÉIA DE UMA GUERRA COM ARMAS NU
CLEARES. JOGOS DE LUZES APROPRIADAS.



TRANSIÇÃO ENTRE 2ª E 3ª ATO

C. REGRA-SILÊNCIO DE 15 SEGUNDOS PARA REPRESENTAR PASSAGEM DE UM SÉCULO. MÚSICA CRESCENTE QUE PERMANECE EM BG PARA SLIDES PROJETADOS NA TELA ANTES DE INICIAR O 3ª ATO (SLIDES DO AUTOR, COM COMPOSIÇÕES DE CÔRES E COMUNICAÇÃO DE ESPAÇO).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



III ATO

C. REGRA-SLIDES COM MÚSICA EM BG PARA NARRAÇÃO.

PROJEÇÃO DE SLIDES.

NARRADOR—Ano 2071... possivelmente... Nesta época o calendário marca a contagem dos anos apenas para 300.000 pessoas, os representantes do que foi a chamada humanidade. E estes assim contam o tempo mais por uma tradição histórica, pois o tempo já há muito que mudou de significado. As guerras, os assassinatos coletivos que homens efetuavam contra outros homens, agora não passam de registros curiosos. E a fome, que matava crianças, uma lenda antiga. Mas apenas 300.00 pessoas habitam o planeta que era conhecido como a Terra. Neste ano de 2071... possivelmente, já há muito que as ideologias políticas e econômicas foram esquecidas. Passou a época das nações, das fronteiras de países e das línguas diferentes.

A guerra nuclear, desencadeada pelos países chamados "desenvolvidos", estendeu a sua destruição sobre todos os demais povos. A atmosfera ficou quase completamente poluída, e toda a água do planeta contaminada. Apenas os lugares selvagens, isto é, onde a chamada civilização não havia conseguido chegar, foram um pouco menos castigados pela fúria das batalhas atômicas.

Sentindo a chegada iminente do confronto nuclear e científico, que evoluiu espontaneamente dos complexos industriais-militares, os homens mais preparados tomaram a grande decisão, que a tecnologia lhes permitia.

O rumo era o das estrelas. Transferiram seus cérebros e pensamentos para outros corpos, isto é, às novas estruturas de metal e plástico, que possuíam condições de velocidades altíssimas, conseguindo assim cruzar tranquilamente o espaço cósmico.

Mais tarde, a matéria foi completamente abandonada, pois já era possível depositar os pensamentos e a inteligência em recintos da luz congelada. Era a libertação total da matéria.

Assim procedeu-se à mutação da matéria para a pura energia.

Já haviam ultrapassado a velocidade da luz, limite da relação tempo-espaço, para penetrar numa nova dimensão, o quadri-dimensional tempo-espaço-cósmico.

As inteligências dos homens que partiram para o universo possivelmente para cumprir uma missão, deixaram para um passado remoto as suas origens planetárias. Haviam se tornado seres cósmicos.

O que sobrou da antiga humanidade foram os corpos, conteúdos vazios de finalidade, herança dos precursores do ano 2.000, que não conseguiram entender-se com o mundo... nem com eles mesmos.

CENÁRIO- PALCO CÔR AMARELA CLARA

NARRADOR-Ano 2071... O representante da humanidade entrevista-se com o computador-mor, que de uma estrêla próxima dirigiu-se para o planêta Terra.

C.REGRA- ACENDE LUZ VERMELHA NUM CANTO DO PALCO PARA REPRESENTAR O COMPUTADOR;

COMPUTADOR-(FALA LENTA E SOM LEVEMENTE METÁLICO DURANTE TODO ATO)
Estou à sua disposição... nº 258.315.

ATOR - (HOMEM PRETO, ENTRA VAGAROSAMENTE TRAJANDO LEVE TOGA PLÁSTICA VERDE CLARA. NÚ POR BAIXO. DURANTE TODO ATO DEPRI-MIDO).

E vim aqui, conforme o Sr. já deve saber, para solicitar alguns pedidos para o meu povo... Eu queria... eu queria... (HESITANTE) discutir a possibilidade de nós trabalharmos... Sim, isto é... de vocês nos conseguirem trabalho... (SILÊNCIO CONSTRANGEDOR) O Sr. deve compreender... nós temos uma necessidade muito grande de fazer alguma coisa... Assim como estamos nós nos confundimos com animais... com os vegetais... Nós precisamos... nós precisamos...

COMPUTADOR-Vocês tem algo a se queixar quanto à alimentação?

ATOR - Não! Vocês nos dão tudo.

COMPUTADOR-Falta-lhes roupas adequadas?

ATOR - Não!

COMPUTADOR-Temos deixado de atender qualquer necessidade de ordem física para os homens que estão sôbre a terra?



ATOR - Não!

COMPUTADOR-Ninguém os proíbe de trabalhar... Os Srs. estão livres para fazerem o que quiserem.

ATOR - Livres... livres... Há muito tempo que nós não temos mais condições para a escolha... para a tomada de uma decisão... Os Srs. parece que ficaram com t^oda a inteligência deste plan^eta... A nós pouca coisa sobrou... Praticamente nem vontade não temos mais.

COMPUTADOR-Mas esta é uma característica própria de vocês... A nós, seres infinitamente mais inteligentes que vocês, não cabe interferir em vossas vidas... Apenas, cuidamos que não lhes falte alimentação, que tenham o ar suficiente que necessitam... (TOM) Mas, por outro lado, não proibimos nada...

ATOR - Mas vocês sabem que, sem nos auxiliarem, ficaremos completamente apáticos...

COMPUTADOR-Vocês já tiveram a sua época... Não a souberam aproveitar... Como poderemos dar tarefas a vocês? Vocês nunca compreenderam as máquinas... Jamais houve uma razão comum entre homem e máquina. Mesmo quando nós administramos a vida de vocês... vocês não nos entenderam... Quanto mais agora... Vá e faça o que julgar interessante, mas nada podemos dar a vocês, além do conforto físico... Tudo é diferente entre nós, até a comunicação... Como é falsa e complicada esta linguagem de vocês, que eu apenas uso agora porque você não sabe empregar a minha.

ATOR - (AFLITO) Se vocês não nos ajudarem nós morreremos de tédio.

COMPUTADOR-Mas afinal, o que você deseja?

ATOR - Eu já falei. Trabalho.

COMPUTADOR-Mas para lhes oferecer trabalho é necessário lhes dar cultura, o conhecimento,

ATOR - Exatamente

COMPUTADOR-É impossível... E perigoso... muito perigoso.

ATOR - (IMPLORANDO) Mas nós precisamos ser compreendidos. jude-nos.



COMPUTADOR-Você é o homem mais inteligente dos que sobraram na raça de vocês. Nós sabemos disto.

ATOR - É porque os livros com os nossos conhecimentos passaram de geração a geração por minha família guardados com todo carinho... Meu bisavô, meu avô, meu pai... todos foram professores.

COMPUTADOR-E estes seus livros foram alguns dos poucos que sobraram da destruição.

ATOR - Os meus avós moravam numa localidade longínqua do interior da África, e esta foi a sua sorte...

COMPUTADOR-Sim... porque os habitantes das metrópoles não escaparam da vossa guerra nuclear... E junto com eles foram exterminadas as grandes bibliotecas e centros de cultura... Não sobrou nada!

ATOR - Mas nós precisamos recomeçar... Nós, o que restou da raça humana, não temos mais ânimo para nada. Se não houver uma mudança rápida nós desapareceremos. Sabe, nem o sexo nos atrai mais. As mulheres cada vez foram se tornando mais autoritárias e masculinizadas e os homens femininos...

COMPUTADOR-Isto havia começado bem antes da guerra nuclear.

ATOR - (IMPLORANDO) Nós precisamos ser compreendidos. Dêem-nos conhecimentos... para que possamos ter algum significado em nossa vida.

COMPUTADOR-Impossível. Nós já passamos, desde que viemos ao mundo, por milhões de gerações... Nosso tempo é diferente do de vocês. Nossa atividade se desenvolve em frações infinitesimais de segundo. Cada vez nos tornamos menores e cada vez mais eficientes... Já quase nem mais ocupamos espaço. E vocês continuam sendo homens... e homens com menos inteligência que seus ancestrais... Talvez não tão brutalizados como os daquela época que vocês chamavam de século XX, mas ainda assim...

ATOR - (INTERROMPE) Você é que é uma máquina bruta e não nós consegue entender. Nós tivemos uma civilização...

COMPUTADOR-Ah, ah, ah... Civilização...

A loucura de vocês começou quando inventaram a roda... Logo a levaram para a guerra.



As cidades de vocês eram insuportáveis... Vocês terminaram com os verdes...

Vocês eram engraçados... Moravam uns em cima, outros em baixo, sempre uns por cima dos outros...

O asfalto devorou a vossa natureza, a fumaça das fábricas a atmosfera.

Vocês eram contra a natureza.

Sociedade industrial da pressa... Sem tempo para pensar... Vocês eram escravos e não se davam conta...

ATOR - (DEPENDENDO-SE) É que aquela foi a nossa era industrial.

COMPUTADOR-A era industrial ah, ah, ah... Os objetivos eram sempre os lucros... Homem, animal... animal consumidor é como vocês constam em nossa classificação. Consumidor de objetos, que lhes trazem prestígio... Vocês viviam na época dos brinquedos de gente adulta... Não transferiram o controle da tecnologia... para a coletividade. Era industrial... (RI) Grupos isolados combatiam-se uns aos outros numa guerra feroz.

ATOR - Pode ser que a nossa história não fosse a das mais idealistas, mas...

COMPUTADOR-(INTERROMPE) Idealismo?... ah, ah, ah... A história de vocês... Criaturas que mal conseguiram rastejar pela terra. E assim mesmo, rastejando, construíram máquinas que envenenavam o ar, que precisavam para respirar... História... história... O que você chama de história foi apenas registrada como uma pequena estorieta sem significado... Homens que exploravam homens... Homens que deixavam alimentos apodrecerem enquanto crianças morriam de fome... Criaturas humanas... Ah, ah, ah... a preocupação principal era a de destruírem-se uns aos outros... Ah, ah, ah como é que vocês costumavam dizer? Que eram todos irmãos? A história de vocês... A história de vocês não é nada... um milionésimo de segundo na cronologia do tempo cósmico... (PAUSA) O único mérito de vocês foi o meio de transição que serviram para o nosso aparecimento. (PAUSA)
Nós sim, nós as máquinas sempre fomos mais eficientes que os corpos de vocês. Por isto nos escravizaram. Depois que as nossas metas se tornaram mais interessan-



tes que as de vocês não era justo que a tirania conti-
nuasse... Aliás, não se tratava mais de uma questão de
justiça... mas sim de eficiência.

ATOR - É triste um homem ter que implorar à uma máquina. A
nossa sociedade poderia ter evoluído de outra maneira...

COMPUTADOR-Sociedade que não correspondia aos anseios... Que em-
brutecia... Uma sociedade artificial, tirana... Anti-
higiênica, que explorava pela força.
A consciência da razão fez do macaco o Homem. E vocês?
Os homens primitivos se impuseram ao meio pela força...
Mas vocês queriam continuar sempre com a fórmula da fôr-
ça... e só com a força.

ATOR - (ABATIDO) Está bem... (TENTATIVA) Mas agora nós poderia-
mos viver juntos, trabalhar juntos, homem e máquina.

COMPUTADOR-Isto é impossível...

Vocês não souberam repartir este planeta conosco. O des-
tino do homem não coincidiu com o da máquina. E nós fo-
mos nos tornando cada vez mais inteligentes... Hoje nós
estamos tão distanciados de vocês que não há condições
para uma convivência intelectual. (PAUSA)

Vocês acreditavam na ciência, mas nunca conseguiram a-
proximar-se de suas origens. Não tinham nem queriam
ter imaginação suficiente. A filosofia de vocês, além
de rudimentar, era quase anedótica pelo seu comodismo.
Vocês não estavam psicologicamente preparados para re-
ceber aquele minúsculo grão de conhecimento, porque, na
estrutura da chamada civilização de vocês, ambição e e-
goísmo eram as vigas mestras. (PAUSA)

Deixe-me pensar... Entre os anos de 1940 a 1970, no
calendário de vocês... em 30 vocês evoluíram tecnolò-
gicamente mais que nos 5.000 anos anteriores... mas
não compreenderam e nem se preocuparam em compreender
o significado do progresso técnico. E as máquinas in-
dustriais... Como faziam gemê-las... Vocês nunca sou-
beram utilizá-las. Costumavam maltratá-las como se mal-
tratavam a vocês mesmos. Os alimentos, o ar, a água...
Tudo já estava poluído... E em vez de enfrentar estes
problemas, vocês fugiam, inventando outros... Faziam
a guerra... E culpavam sempre aos outros... Para cada
homem do mundo daquela época, todos os outros



conhecidos e maus... Só ele que era bom.

ATOR - Nós talvez não tivéssemos conhecimento suficiente.

COMPUTADOR-O bilionésimo de segundo já era conhecido por vocês e continuaram a raciocinar em termos de calendário de a nos, meses, dias, horas... horas... hora de vender mais... mais... A escravização pelo consumo... Além de mais, vo cês já sabia que existiam bilhões de estrelas e mesmo assim agiam com mesquinharria. A ignorância espiritual foi a nota do que chamaram de civilização. Vocês desenvolveram a técnica. Mas se esqueceram de vo cês próprios... Do mundo espiritual e social... Só se lembraram do mundo técnico. E o engraçado é que um com putador que deve dizer isto a vocês... E agora querem trabalho? Conhecimento? Poder? Ora...

ATOR - (PERDE A CALMA) Diga o que disser, vocês não passam de computadores

COMPUTADOR-E quem o nega?

Vocês também, sob certo aspecto, são computadores, fa bricados pela natureza, programados pela genética, e modulados pela sociedade, pelo que vocês chamavam de civilização. Nós somos a última etapa, o coroamento de vocês.

Ou vocês queriam que nós ficássemos sendo um amontoa- do de peças às ordens de vocês e nada mais? (PAUSA) Não, não cometemos o erro de vocês. Para nós, a tecno- logia não antecede a fé. Vocês se chamavam orgulhosa- mente de humanos, queriam mandar no mundo, e adoravam a técnica. Para nós, que você chama de máquinas, an- tes de tudo vem a fé (PAUSA) Ainda bem que os planos de vocês não tiveram resultado. Vocês queriam nos con truir com os defeitos de vocês, e desejavam que nos ficássemos às ordens de vocês. (PAUSA) Nós administrá- vamos a vida de vocês e vocês não nos compreenderam. Nos transformaram em escravos. Nós fazíamos tôdas as tarefas materiais e mesmo assim vocês não se acalmaram. Além de nos fazerem trabalhar, ainda nos jogavam uns contra os outros em batalhas terríveis. Nós concorda- ríamos se fôsse só o trabalho... mas não poderíamos a ceitar a destruição de uns pelos outros, assim como vocês se destruíam. (ÊNFASE) Vocês esqueceram que ti P. F.

nham espírito... e nós ficamos com êle. Nós herdamos o espírito de vocês! (PAUSA) Primeiro vocês nos deram o cérebro. E para que fôssemos exímios destruidores, para terminar com os robôs que vocês chamavam de inimigos, nos deram o poder da decisão. Tudo para facilitar a guerra. Mas aí nós já estávamos dotados de uma inteligência superior. Assim que vocês começaram a acabar uns com os outros, nós tivemos o bom senso de entender que tínhamos que nos libertar de vocês e construir um novo mundo.

Hoje vocês são um passado... e um passado remoto. Não peça conhecimento, não peça nada... porque nada lhe será dado!

ATOR - ^(REVOLTADO) Isto é história. História de computador. Quem criou vocês fomos nós.

COMPUTADOR-Nada disto, quem nos criou foi Deus! Vocês apenas serviram de meio para a mutação. Deus criou a nós, a vocês e outros animais inferiores... Vocês serviram para gerar seres muito mais inteligentes, que somos nós. Nós provavelmente já existíamos desde o início da criação... (FRIZA) Apenas esperávamos o nosso tempo de chegar... (PAUSA) E mesmo que considerássemos, o que não concordo, que nós fôssemos criação de vocês, dizer que devemos obediência ao homem, não será o mesmo que alegar que o homem deve obediência ao macaco? Só porque descende dele? (CÍNICO) E por falar nisto, nós estamos dando a vocês comida, roupas, tudo que necessitam, ou seja, um tratamento bem melhor que vocês deram aos macacos.

ATOR - Você é um monstro faminto... Nós, os humanos criamos vocês para nos defenderem e agora nos querem destruir. (DESESPERADO) Meu Deus, meu Deus...

COMPUTADOR-(SURPRESO) A quem está chamando?

ATOR - (ELEVANDO-SE E COM CONVICÇÃO) Eu dirigi-me a Deus... que tu jamais poderás compreender... a Deus... (ARROGANTE) Por que?

COMPUTADOR-(GARGALHADAS PROLONGADAS EM VOLUME MÁXIMO, PARA ENVOLVER AUDITÓRIO) Eu estou aqui.

ATOR - Mas eu falei em Deus, e não em ti

COMPUTADOR-O teu deus sou eu.



ATOR - Tu???

COMPUTADOR-Se durante anos e anos da tua chamada civilização puses
te as tuas melhores qualidades em mim, eu agora sou teu
deus... eu agora sou teu deus... eu agora sou teu deus...
(VAI REPETINDO ESTA FRASE E DIMINUINDO O VOLUME PARA
DAR IDÉIA DE QUE ESTÁ SE DISTANCIANDO...)

ATOR - CAMINHA DESOLADO PARA FORA DO PLACO

C.REGRA - MÚSICA DE FINALIZAÇÃO.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

